A gravidez na adolescência preocupa?

Keila Deslandes – UFOP

Introdução

A gravidez na adolescência preocupa?

A resposta afirmativa parece demasiado óbvia. Adolescência não combina com gravidez. A adolescente que engravida não está preparada para assumir a chamada "parentalidade", "*parenthood*". Não é socialmente competente, como argumenta o psicanalista E. Erikson (1985), para transmitir os valores da cultura à sua sucessão geracional. Não tem desenvolvimento biológico para enfrentar uma gravidez. Abandona a escola e perde a chance de se inserir socialmente. Ou, ainda, relega a criação do rebento aos avós, se tornando irmã do próprio filho. Todos esses argumentos, baseados no senso comum e na ideologia da modernidade, fundamentam a tese de ser a adolescência uma etapa do desenvolvimento humano onde os sujeitos permanecem numa espécie de latência para a entrada na vida adulta. Nesse contexto, se desconsidera um passado recente, onde a transição da infância para a vida adulta não se fazia presente nos debates médicos, psicológicos, da mídia ou do senso comum, e se considerava ideal a faixa etária dos 13 aos 19 anos para o compromisso matrimonial e a maternidade.

A categoria adolescência nasceu em fins do século XVIII, quando os ideais modernos de liberdade e individualidade são imperativos. Nesse contexto, a construção do conceito de adolescência vem marcar o lento e gradual processo psicológico rumo à independência e à autonomia dos sujeitos, como marcos da formação do *ethos* humano adulto. Já a puberdade, por sua vez, enquanto marca biológica da adolescência, é a-histórica e independe da sociedade na qual acontece. Pequenas variações individuais podem afetar a idade do desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, mas, a universalidade do desenvolvimento sexual do adulto é um fato. Assim, enquanto a puberdade é universal e biológica, a adolescência é uma construção histórica e social, que funciona simbolicamente como um pacto civilizador, no sentido psicanalítico do termo. Ou seja, como um conjunto de adiamentos e renúncias impostos pela civilização ao pleno estabelecimento da vida adulta, dentre os quais se coloca a sexualidade com fins de geração de filhos.

No cenário contemporâneo das chamadas "oportunidades sociais", caracterizadas pelo aumento da expectativa de vida da população, pelo prolongamento da escolarização, pelas mudanças nos papéis sociais relacionadas à emancipação feminina - onde se pode desvincular sexualidade e reprodução -, e pela massificação do acesso a bens de consumo, a gravidez na adolescência desponta como um verdadeiro desperdício do leque de oportunidades e prazeres da vida juvenil, capaz de suscitar um forte sentimento de indignação por parte da sociedade. Como se o adolescente, além de esbanjar a própria vida, colocasse ainda em prejuízo a geração futura –

exposta aos riscos do abandono –, e a geração passada, convocada a assumir responsabilidades perante os netos que não seriam suas.

Mesmo assim, no Brasil da década de 90, houve um aumento de 25% da taxa de fertilidade entre adolescentes de 15 a 19 anos de idade (BERQUÓ e CANEVAGUI, 2005). Taxa essa diferentemente distribuída segundo as regiões geográficas e os estratos sociais, sendo mais concentrada na região norte, nas áreas rurais e na população não branca. Aumento da taxa de fecundidade que se mostra ainda mais relevante tendo em vista o decréscimo no índice de natalidade das demais faixas populacionais. Levadas em conta todas as gestações interrompidas, temos que ¼ das adolescentes brasileiras engravidaram até os 18 anos de idade, sendo que cerca de 80% delas se tornaram mães antes dos 20 anos de idade. Ou seja, cerca de 1/5 da população feminina teve ao menos um filho sobrevivente antes de atingir os 20 anos de idade, sendo essa taxa concentrada na população indigente (renda per capita inferior a meio salário mínimo/ ano) e com baixa escolaridade (até 5 anos de estudos). (IBGE, 1998). Também a idade da primeira relação sexual também diminuiu de maneira importante no Brasil do fim do século XX, pois, em 1986, 8.7% da população já havia tido uma primeira relação sexual antes dos 15 anos; já em 1996, esse percentual foi de 22,6%.

Em meio a um complexo emaranhado de construções discursivas sobre o tema da gravidez na adolescência está o professor que deve lidar com o aparecimento de adolescentes grávidas na escola, com a representação que colegas e familiares têm do episódio e com o abandono escolar momentâneo ou permanente. Ao mesmo tempo, incide sobre os professores uma demanda por oferecer orientação e educação sexual para os jovens, ainda que, tratando-se de tema tão marcado por tabus e preconceitos, a própria demanda seja por vezes escamoteada, por vezes recusada.

Como a escola representa o problema da gravidez na adolescência? Como elabora um discurso próprio sobre o tema da gravidez na adolescência, a partir do qual representa o próprio papel no eventual contexto desse episódio? A gravidez na adolescência preocupa a escola? Que recursos se utiliza na escola para lidar com esse tema? Pode a escola (des)construir os discursos sobre essa problemática, analisando criticamente a questão sob aspectos não necessariamente moralistas e negativos? Ou cabe a ela tão somente a repetição de um discurso midiático, onde a gravidez adolescente aparece como uma espécie de epidemia a ser erradicada?

Tais são as questões que pretendemos discutir nesta pesquisa e, para tanto, faremos uso do conceito de **representação social** (RS). No contexto da psicossociologia, as representações sociais são definidas como uma forma de conhecimento prático, socialmente estruturado e, ao mesmo tempo, estruturante da realidade social. Tal conhecimento é orientado para a comunicação e para a compreensão do contexto real, simbólico e imaginário da vida cotidiana. Como uma epistemologia do senso comum, o estudo das RS insere-se nas correntes que estudam o conhecimento dos sentidos ordinários, veiculados pela cognição coletiva. Representações sociais que se apresentam, portanto, numa teia de significados próprios, num movimento dialético de re-significação do conhecimento do dia-a-dia pelo homem comum. Nesse sentido, tal

como propõe SPINK (1993), “trata-se de ver o senso comum não mais como cidadão de segunda classe, mas como conhecimento legítimo e motor das transformações sociais”.

Método

Participantes

Este estudo analisou um *corpus* discursivo, composto por 8 (oito) entrevistas realizadas com diretores de escolas públicas do ensino fundamental (séries finais) e médio de Mariana (MG), sendo 2 do sexo masculino e 6 do sexo feminino. As idades dos entrevistados variaram entre 27 e 54 anos. Todos os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias, sendo que uma delas ficou de posse do próprio sujeito. Nesta, havia dados de identificação e localização dos pesquisadores, de maneira que o participante poderia, a qualquer momento, dirimir dúvidas com relação aos procedimentos da pesquisa.

Por meio do TCLE, pudemos apresentar aos sujeitos os temas e objetivos da pesquisa, além de orientarmos que a participação deles consistiria em fornecer uma entrevista e que a mesma seria gravada por meio de aparelho de áudio. Ainda por meio do TCLE, esclarecemos aos participantes que todos os dados coletados seriam utilizados exclusivamente para fins desta pesquisa, que a confidencialidade das informações seria assegurada e que, após utilizado, todo o material discursivo coletado ficaria arquivado, em local seguro.

Instrumentos de coleta de dados

Numa abordagem qualitativa, a coleta de dados desta pesquisa foi feita por meio de entrevistas não-diretivas. A entrevista de pesquisa é um instrumento heurístico de coleta de dados que, neste trabalho, será empregado por permitir que as representações sociais construídas pelos diretores de escolas sejam explicitadas. O uso de um instrumento não-diretivo, nesta proposta, propicia que a produção discursiva dos participantes se dê num contexto onde o entrevistador estimula a livre expressão dos entrevistados, usando para tanto um guia de entrevista flexível e pouco estruturado. No entanto, este procedimento nada tem de ingênuo ou espontâneo. Na verdade, o que se busca é uma construção discursiva própria ao sujeito, produzida com pouca intervenção por parte do entrevistador. Uma verdadeira “arte de entrevistar”, que pressupõe tanto habilidades técnicas de criar empatia com o entrevistado, quanto um conhecimento aprofundado prévio do tema da entrevista.

Tendo como base estes pressupostos técnico-metodológicos, durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2008, 8 (oito) diretores de escolas da rede pública estadual e municipal de ensino de Mariana são entrevistados. Para quantificar o número de entrevistas a serem realizadas utilizamos o critério de saturação informacional, que consiste em continuar a buscar sujeito até que as informações passem a ser repetitivas e a trazer pouca ou nenhuma novidade para aquilo que já ouvimos de outros depoentes.

Partindo da pergunta “A gravidez na adolescência preocupa você?”, iniciamos todas as entrevistas, buscando “dar o tom” de não-diretividade às mesmas, que prosseguiram a partir de

um pequeno roteiro que contemplava os seguintes temas: adolescência, gravidez na adolescência, sexualidade na adolescência e gênero.

Procedimentos de análise de dados

Como instrumento para o tratamento dos dados, usamos a técnica da Análise do Conteúdo, proposta por Bardin (1977), referência importante nos estudos em análise de informações em pesquisas qualitativas. Neste sentido, como discutem Blanchet e Goffman (1992), após ter feito o entrevistado falar, o pesquisador fará o material falar, por meio da análise do discurso, a partir de algumas hipóteses de base, fundamentadas em leituras anteriores sobre a temática da pesquisa.

Após várias leituras do material discursivo, passamos a decompô-lo em unidades elementares, cuja função era a de produzir um efeito de inteligibilidade ao conjunto. Assim, foram definidos os "núcleos de sentido" do *corpus*, a saber, os eixos estruturantes dos discursos.

Discussão de resultados

Os diretores de escolas de Mariana representam a adolescência como fase de mudança, período de transformações biológicas, "momento de descobertas", "curiosidade", fase em que existem diversos conflitos internos e externos. Pode-se comprovar tais construções pelas seguintes falas:

"Eu acho que... Adolescência é... É uma fase de descobertas assim..." L

"É uma fase de muita curiosidade... Vamos experimentar né?" I

"Você ta num processo de transformação de criança para adolescente". S

"O corpo esta desenvolvendo ainda..." J

"E é uma fase muito difícil da vida.... É uma fase de conflitos.... Conflitos internos... tem conflito com a família conflito com a escola...É uma fase muito difícil." MDF

As construções em torno do tema "**adolescência**" são fundamentais para que se compreenda as representações sobre sexualidade e educação sexual. As interpretações por parte dos sujeitos demonstram um misto de RS sobre adolescência. Apesar das variáveis englobarem aspectos socioculturais e fisiológicos, este último acaba imperando na representação sobre sexualidade e gênero e na elaboração e implementação de projetos educacionais voltados para o plano afetivo-sexual.

Sexualidade é um termo amplamente abrangente que engloba inúmeros fatores e não suporta uma definição única e absoluta. Historiadores e cientistas sociais elaboraram a noção de sexualidade como uma construção de corpos, desejos, comportamentos e identidade de todas as pessoas que desenvolvem durante suas vidas por meio da apropriação subjetiva das possibilidades oferecidas pela cultura, pela sociedade e pela história.

A partir dessa definição, levantou-se as representações elaboradas por sujeitos sociais: os diretores de escolas públicas.

A sexualidade dos adolescentes é vista numa perspectiva negativa, na qual a prática sexual é entendida como fruto de um "desejo", "tentação", "ato de libertinagem", "vício", oriundo da ociosidade e por isso deve ser reprimida. Essas percepções estão presentes nas seguintes falas:

"O desejo sexual é muito grande. Não tem autocontrole do corpo... O desejo é culminante." T

"Só que elas às vezes são levadas pela emoção, pela vontade, pelo desejo e

esquece de se proteger." T

Observa-se que o meio no qual esse adolescente esta inserido também é citado como fator importante na descoberta da sexualidade e estimulador das práticas sexuais.

"Ela acaba tendo as relações justamente porque o meio em que ela vive impulsiona a isso né?"J

Os adolescentes seriam fruto de um ambiente desestruturado no qual a incitação da mídia exerceria um papel preponderante (Reis, 1993; Serra, 1999 e Brandão, 2003).A mídia é acusada pelos entrevistados por desempenhar um papel negativo ao propagar modelos de comportamento sexual demasiado precoce (Brandão 2001). Os veículos de informação também são tidos como meio para o "despertar da sexualidade" da juventude no seguinte fragmento:

"A mídia..Igual a gente vê la as meninas pequenininhas de 10, de 8 anos. Ai aquelas musicas que excitam bastante, dança dança dança, fazem gestos... Então aquilo ali eu acho que já é um grande passo pra tar aflorando a sexualidade né?"I

A mídia é considerada um importante canal de informação, à medida que veicula conteúdos inerentes à sexualidade, mas que são considerados impróprios pelos entrevistados. A mudança de comportamento dos adolescentes em relação as suas experiências afetivo-sexuais, como o "ficar" e o "sexo" são percebidos como "banalização das relações".

Nos finais dos anos 80, uma forma de relação sem compromisso foi incorporada à classificação das formas de engajamento. Um novo modo de encontro intitulado "ficar" difundiu-se na juventude. Nesse tipo de relacionamento é imediata a atração e o contato corporal (beijos, relações sexuais), sem vínculo entre os parceiros. Esse tipo de relacionamento é criticado pelos diretores como se pode perceber:

"Na parte da sexualidade eles acham que ta tudo liberal, normal. Que o sexo pode ser feito em qualquer lugar... O sexo ele tem que ser reservado... São apenas entre dois casais íntimos né? Então tem que ter o local próprio né? Que às vezes você fazsexo por fazer... E depois pode vir os traumas... Até uma depressão né?"M

*"É o tal do ficar. Fico hoje com fulano, faço sexo, fico amanha, faço sexo... Então eles não tão tendo um pingo de noção do risco que eles tão correndo né?"*I

A vivência da sexualidade do gênero feminino nos dias de hoje é vista numa ótica negativa.

Há a desqualificação da mulher em manifestar a sua sexualidade e assumir que possui uma vida sexual ativa. A mudança no padrão tradicional da vivência da sexualidade, com a emancipação da mulher, a utilização do anticoncepcional e desvinculação da pratica sexual à reprodução não são reconhecidas nas representações elaboradas.

"Não adiantam mais. Vai namorar mesmo! Porque é muito gostoso.... Vai namorar mesmo! A gente escuta falando: Eu gosto é de namorar de saia! É mais fácil. Se não ta preocupado com a roupa vai se preocupar com camisinha?"T

"Sai a rua a noite a gente vê aquelas meninas bem novas, menor de 16 anos na rua,com namorado, de mãozinha dada.. Às vezes gente até assusta. Que isso! Que horror!! Praticamente criança! E é aí onde inicia a vida sexual rápido, porque acha que é adulto..." I

A sexualidade dos adolescentes é reduzida à puberdade, fase onde há um aumento significativo da taxa hormonal nas faixas etárias: 13, 14,15 anos, desconsiderando aspectos culturais, psicológicos e sociais.

"Os hormônios estão à flor da pele... 13 14 15 anos a taxa hormonal esta lem cima..." MDF

Quando perguntados sobre o tema "Educação sexual" na escola, a maioria dos diretores citou a importância de se trabalhar em conjunto com a família A escola seria importante na medida em que capacitaria os pais a lidarem com estas questões em casa. Alguns diretores citam ainda a possibilidade de trabalhar em conjunto, com palestras:

"De uma forma em parceria com a família no caso eu acho que seria legal... Através de palestras né?(...) Como na verdade? Atraindo a família para a escola né? É uma forma de tar... E. Assim fazendo palestras é... Que mais que a gente pode ta...Trabalhar em grupos com os alunos entendeu? E dialogando mais com.. Fazendo com que seja um trabalho em equipe mesmo né? Família e escola. Acho que dessa forma seria mais bem trabalhada no caso." L

Para trabalhar os temas inerentes à sexualidade nas escolas de Mariana, os diretores apontam as palestras como principal meio de informação. Com relação ao conteúdo veiculado nessas palestras os sujeitos citam: métodos contraceptivos, DST's e prevenção da gravidez na adolescência. Em relação às estratégias e recursos os diretores destacam o uso de representações dos órgãos, os projetos, os filmes de parto normal e cesariano, etc.

"Ah.. Eu acho que a melhor forma a ser trabalhada é através de.... Palestras.... De... Deixa eu pensar aqui.. É.. Eu acredito que através de palestras mesmo. Com informação..." L

"É também bem polêmico! Igual a professora também fez aquela.... Representação de como usar o preservativo... Aí foi bem polêmico! Ai cada grupo ficou com um tipo de trabalho, ai na hora do preservativo os meninos falaram assim: Mas como que a gente vai fazer isso? Porque ela simplesmente levantou os temas e eles que tinham que buscar a forma de representar... Como que a gente vai fazer? Um pênis de massa, um pênis de que? Pra gente colocar camisinha..

Falei: Precisa não!! Arruma uma banana! A banana caturra.... É a mesma coisa! Vai representar do mesmo jeito. E não vai causar aquele impacto né? Porque tem pais que as vezes não aceitam esse tipo de...Trabalho.. Vê assim... Por outro lado... A gente ta ensinando, antecipando essa relação sexual... Tão ensinando como que...Tão investindo para que eles façam...(...) Então é assim, o professor passa a informação e depois com as representações... Então é mais a prevenção. Tanto para a gravidez quanto para as doenças." I

Um entrevistado ainda afirma que desconhece outra maneira de abordagem:

"Eu não vejo uma outra maneira de trabalho a não ser é... Palestras... Que é uma forma orientada da coisa... Eu não vejo, desconheço outra forma de trabalho..." J

A conversa informal com os alunos, muito utilizada por todos os entrevistados configura-se também como uma maneira de abordar o assunto.

"A gente não mede esforços de falar com os adolescentes sobre isso. Até quando

a gente vê namorando fala " Toma cuidado!!!". Dá umas informações, mesmo que seja formal.. Uma conversa ali mesmo, a gente ta sempre informando diretor, professores..." S

A presença de um profissional da área da saúde (médico, enfermeiro) para dar orientação é também uma forma de intervenção levantada pelos entrevistados:

"Uma vez ou outra nós trazemos aqui um médico, algum enfermeiro né? Mesmo médico para falar com os alunos sobre a questão da gravidez. Tudo isso... São os métodos que venham impedir a gravidez não preparada que é o caso das adolescentes. Uso de camisinha, contraceptivo é... Isso tudo é esclarecido aos alunos entendeu?"J

"Isso aí a gente procura igual a gente chamou no principio do ano um palestrante... Foi até uma médica ginecologista, ta fazendo uma palestra..." I

Um entrevistado afirma ainda que quanto mais informações esses adolescentes tiverem menor a chance de ocorrência de uma gravidez na adolescência:

"Quanto mais informações que eles tiverem menos eu acho que vai acontecer." S

Nota-se que os diretores destacam a ineficácia do modelo proposto:

"A gente fala muito com os adolescentes com os jovens aqui e parece que pouco adianta. Então é uma "coisa que tem que ta sempre em evidência..." J

"Porque não foi falta da gente falar... Infelizmente a gente pode fazer muito pouco né?"J

"Na verdade a gente fica pensando o que fazer para que isso não aconteça com outras, mas a gente não consegue fazer, por mais que a gente trabalhe. Pelo que nós estamos fazendo esta

sendo pouco. Quando a gente vê que engravidou... De repente se a gente tivesse falado mais alguma coisa né? Isso não teria acontecido..". H

O papel dos nossos atores sociais também foi colocado como fundamental para que ocorra a educação sexual na escola:

"O meu papel como gestor escolar, é dar suporte para que esse tipo de informação segue até o aluno. Como... Propiciando o espaço com palestras sobre sexualidade." S

Conclusão

O levantamento das representações sociais dos diretores de escolas da cidade Mariana (MG) apontou para a necessidade de rever concepções tradicionais sobre temas relacionados à educação afetivo-sexual. Possibilitou também que os profissionais entrevistados refletissem sobre as práticas adotadas nas instituições as quais regem. O tipo de intervenção aplicado é questionado pelos próprios gestores , que alegam a ineficácia do trabalho realizado. O modelo de orientação proposto pelos diretores de Mariana, centrada somente em informações de caráter biológico, palestras sob aspectos moralistas, negativos e alarmistas da "gravidez na adolescência" é ineficaz e incapaz de preparar os jovens para o ingresso na vida sexual adulta. Destaca-se a valorização de se informar o adolescente e uma menor preocupação na formação integral deste. A simples transmissão de informação não implica em formação e conscientização dos sujeitos , para mudança de comportamento em relação aos seus projetos de vida e a sua própria sexualidade e fecundidade.

Observa-se, em pequena escala, algumas desconstruções das representações tradicionais sobre os temas abordados nessa pesquisa. Ainda que exista tais interpretações, essas RS são muito fortes e estão profundamente incorporadas nos discursos dos entrevistados, interferindo no modelo de educação sexual implementado nas escolas e que geram conseqüências diretas nas ações voltadas para promoção da educação e da saúde.

A repetição do modelo vigente ainda impera devido a falta de conhecimento e preparo desses gestores para essa vertente educacional. Nota-se porém que há uma disposição por parte desses profissionais em buscar novas possibilidades de se trabalhar a educação afetivo sexual na Educação Básica.

Referências

BARDIN L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70; 1994.

BLANCHET A. GOTMAN A. **L'enquête et ses méthodes: l'entretien**. Paris. Nathan. 1992.

DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. **In**: Durkheim, vida e obra (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983, 203-245.

DESLANDES K. Por que a gravidez na adolescência nos preocupa? Disponível em http://www.psicologia.ufrj.br/nipiac/blog/?p=77.

DESLANDES K. Gravidez na adolescência: revendo a hipótese de empowerment. **In** Pesquisas e Práticas Psicossociais 3(2). São João Del-Rei. Mar. 2009. 150-156.

HEILBORN, Maria Luiza. "Gravidez na Adolescência: considerações preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social" **In** VIEIRA, Elisabeth M., FERNANDES, Maria Eugenia L., BAILEY, Patrícia e McKAY, Arlene. (orgs.). Seminário Gravidez na Adolescência, Saúde do Adolescente - Ministério da Saúde Projeto de Estudos da Mulher/Family Health International, Associação Saúde da Família. Rio de Janeiro, 1998, p. 23-32.

HEILBORN, Maria Luiza. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros.** Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 7 ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1996. 269 p.

MOREIRA. M. I. G. Gravidez na Adolescência: Análise das significações construídas ao longo de gerações de mulheres. **In**. Pulsional – Revista de Psicanálise. Clínica do Social – p.28 – 56. Ano XV. Nº. 158. Jun./2002.

MOSCOVICI, S. Introduccion a el campo de la psicologia. **In**: MOSCOVICI, S. (ed.), Psicologia social: influencia y cambios de actitudes, individuos y grupos. Barcelona: Paidós, 1985.